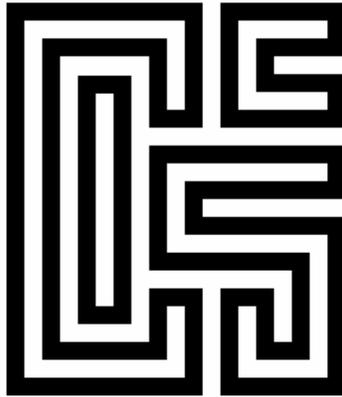


**CISC**



**CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA**

## **SÉRIE CARNAVALESCA – VILÉM FLUSSER**

**Pesquisa: Múcio Whitaker**

**Transcrição: Ana Carolina Q. Gurgel**

Série carnavalesca - I

### **Síntese**

Vilém Flusser

Por um período de poucos dias o curso do ano é interrompido para parcela apreciável da população brasileira. A correnteza histórica dos dias e das semanas passa a formar represa, chamada “Carnaval” e

passa o tempo histórico para o tempo da eterna repetição do refrão sincopado. As máscaras, impostas pela história sobre a gente humilde, caem, e revelam a sua verdadeira face. O aparente ascensorista é revelado acrobata, a aparente vendedora de loja é revelada princesa. Rasgado o véu da história, aparece a verdade; o substrato a-histórico da sociedade brasileira: O seu “paganismo”. A sua “negritude”?

Sem dúvida , o Carnaval, embora de origem “pagã”, não é africano. Talvez seja fortemente adubado por elementos etruscos. O seu parentesco com os “Lupercalia” romanos o sugere. Como também o fato de ter ele triunfado , sob capa transparente cristã, no norte italiano renascentista e barroco. Em terras, portanto , etruscas. Quando resultou em Commedia de l’Arte, naquela precursora bem estruturada e no entanto improvisável do Happening, do Living Theater, e da Obra Aberta.

Mas o Living Theater não é Carnaval brasileiro. E embora os etruscos tenham um curioso sabor de sacralidade sensual e violenta, (que Lawrence captou e que pode lembrar o Niger), os fundadores das escolas de samba não são os etruscos. Muito mais o são as fraternidades tribais da costa ocidental africana. O Carnaval brasileiro síntese entre etruscos e bantus? Mas se for, e síntese perturbadora.

A margem esquerda parisiense descobriu a África no começo do século, e procurou assimilá-la. Picasso “elevou” a África a-histórica ao nível do consciência histórica “branca”. Esta a síntese picassiana: a história ocidental abarca a África com seu abraço. Não é síntese carnavalesca. Nela a Grande Mãe África absorve a história do Ocidente. O caso de Picasso é este: o projeto ocidental, ao expandir-se, se abre ao Não-ocidente. O caso do Carnaval Brasileiro é este : o projeto ocidental é absorvido, e deixa de ser projeto. E não é apenas o caso do Carnaval brasileiro. Também o é o caso de toda futura cultura brasileira, a ser porventura realizada.

Que as aparências não nos enganem. O Carnaval dos clubes burgueses não é Carnaval brasileiro. É Carnaval dos picassianos sem a originalidade e genialidade de Picasso. Como não é cultura brasileira o que atualmente assim se mascara. Porque o Carnaval brasileiro não é um pôr máscaras, mas um tirar máscaras, e as máscaras

ocidentalizantes ainda não caíram da face da nossa cultura. O Carnaval ainda não veio.

## Série carnavalesca – II

### Máscaras

Vilém Flusser

Os outros me vem como sou, ou sou como me vem os outros? O difícil não é saber como me vêem os outros. Posso lê-lo nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A socrática recomendação do auto-conhecimento e o mandamento shakesperiano de sermos fiéis a nós mesmos, impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me veja nos olhares dos outros. Por exemplo os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Por isso serei tudo isso “a outrance”, e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente.

Vejam como o Japão conseguiu isto. O mundo o admira. A máscara ocidental lhe assenta tão bem, que até os olhos das ex-geixas já parecem “caucasianos”. O “nequi-tai- neck tie” (e com ele o milagre econômico), triunfa. O Japão está a caminho do seu grandioso destino. A saber, o destino que lhe foi reservado pelos outros. Ao ter assumido a máscara, o Japão desistiu da difícil tarefa de encontra-se. Modelo japonês? Não, máscara japonesa. Mas não se pode andar mascarado impunemente por tempo indeterminado. Não se pode representar o papel de tecnocrata sempre impunemente, quando se é no fundo samurai, (ou pai de santo) . Não se pode, porque uma surda sensação que brota núcleo vai desmentido tudo. A sensação diz: Tudo isto está errado. Nada daquilo que faço me diz respeito. Não me diz respeito porque eu não me respeito. E é nessa surda sensação que pode dar-se a descoberta do próprio eu. No nojo de si mesmo. Não sei se há no Japão equivalente do Carnaval brasileiro. E duvido. Porque o Carnaval rompe periodicamente a mascarada. Periodicamente vastas camadas da população brasileira se descobrem. Assumem-se, não como os vêem os outros, (sub-proletariado), mas como são, (orgiasticamente festivos). Passam a viver, periodicamente, não papéis pré-determinados por outras, mas funções pré-determinadas pela sua própria estrutura. Isto é: passam a viver de verdade.

Os outros chamarão a isto: alienação coletiva. E sorrirão o seu sorriso turístico condescendente “Alienação”, porque abandono de uma realidade imposta por eles. Mas para os participantes do Carnaval, alienação é o resto do ano. Embora devam admitir, por força da “circunstância”, (como se diz), que retomarão as máscaras impostas na quarta-feira de cinzas. Mas, dado o domingo, provavelmente não serão japoneses nunca. Quem será, possivelmente, somos nós, os burgueses duplamente alienados, que usamos duas máscaras, (ou quiçá nenhuma?).

## Série carnavalesca – III

### Festa

Vilem Flusser

Qual a utilidade dos seis dias úteis? Obviamente: o domingo, o dia inútil. Eis o que confere sacralidade à festa: a sua total inutilidade. O ato inútil, absurdo, gratuito, é o ato sacral, e sacrificar significa: dar algo em troca de nada, portanto futilidade. Alias, não pode ser diferente. A derradeira utilidade de algo não pode, por sua vez, ser útil para algo. Senão, tropeçaríamos de utilidade até a morte. A sacralidade é fútil, porque meta de todas as coisas úteis. Quem confere utilidade à festa, (por exemplo: distração, recuperação) , dessacraliza a festa, e transforma-a em feriado. Profanação é isto: ter feriados, não festas.

Festa: meta de toda utilidade. Carnaval, (para quem o festeja): meta do ano todo. Feriado; divertimento que reverte em benefício do vertimento. Carnaval, (para quem se diverte): pena que parte dele caia num week-end. (Uma medida da decadência do cristianismo é a transformação domingo em week-end). Não devem ser confundidos os que festejam o Carnaval com os que se divertem. É como confundir quem vai à Missa com quem vai à praia.

A sacralidade oriental é transcendente. A festa aponta o além, o fora do tempo e do espaço. Por exemplo: o sábado judeu. É ele a irrupção do além para dentro do mundo. Com efeito: o sábado é o Messias, ou o Messias é o sábado derradeiro. (Algo semelhante pode ser afirmado quanto as festas cristas e muçulmanas). O Carnaval é diferente. Festeja sacralidade imanente. Com efeito: festeja a sacralidade dos sentidos do corpo. Paganismo? Sim, mas o termo é impreciso. Abrange fenômenos tão dispares quanto o são o fetichismo, o hinduísmo e o neo-platonismo. O paganismo do Carnaval é a orgia.

Ai de nós, ocidentais, carecemos de categorias para captar o que não é nosso. “Orgia” é termo orfíco, portanto fenômeno grego, e um descendente raquítico seu e o canto orfeônico nos orfanatos do interior paulista. Tais cantores nada tem a ver com o Carnaval que desce das favelas. O termo “orgia” sugere, mas não consegue captar,

a essência carnavalesca. Aliás, nenhum termo consegue. Apenas a participação imediata o consegue. E nós, pálidos ocidentais, nunca conseguiremos participar da festa carnavalesca, por mais que entremos nela. Ficaremos parcialmente fora. A saber: com aquela parte nossa, (outrora chamada “alma”), que aponta o transcendente. Dizem que não há “color line” no Brasil, e talvez não haja mesmo. Há isto: os que participam do Carnaval e os que se divertem. “Color line”?

## Série carnavalesca – IV

### Cinzas

Vilém Flusser

“Dies irae, dies illa solvet saeculum in fabilla”. (Dia da ira, no qual o mundo cai em cinzas). Mas como? Citar um verso de inspiração medievalmente religiosa, ao querer falar no Carnaval brasileiro? Um verso pavoroso que convém à sombria catedral de Burgos ou ao Castelo gótico de Praga mas nada tem a ver com a Avenida Presidente Vargas? Perfeitamente. É que tendemos a interpretar erroneamente tanta a Idade Média quanto o Carnaval brasileiro.

A Idade Média ressuscitada, com sua gritaria, seus tambores, suas cores gritantes e seus palhaços, seria perfeito carnaval carioca. E a delegacia da Polícia em Copacabana na quarta-feira de cinzas, transportada para o século 13, caberia bem na catedral de Burgos. O fato é este: os desolados da delegacia saíram da vertigem e do sol, para caírem sóbrios e sóbrios em “si”, estão muito mais próximos dos penitentes medievais que nos, seus herdeiros aparentes. O verso citado continua: “Quid sum miser nunc factururus” (Que devo fazer agora, coitado de mim?) . ( Em latim tão duvidoso quanto o é o português das favelas). Eis uma pergunta que está na ponta da língua dos náufragos da tempestade carnavalesca na praia do cotidiano.

O verso, pois, se justifica. Mas apenas em partes. Porque, a despeito das semelhanças, a uma profunda diferença entre o penitente medieval e o folião carioca. Esta: o penitente é pecador, o folião é malandro. Isto é: darão, ambos, resposta à pergunta, mas darão resposta diferente. O penitente responderá : “mortificarei minha carne”, e o folião: “darei um jeito”. Isto porque o modelo de comportamento do penitente é o Cristo, e do folião Exu, (superficialmente cristianizado). Quem visa compreender o Brasil, engajar-se nele, e quiçá ajudar a traçar rumos para o futuro, deve captar bem tal diferença. Todo desenvolvimento é consequência da imitação do Cristo, (historicista). É estranho à Exu, (por cristianizado que esteja).

É certo: o homem pode e deve ser mudado. Engajar-se, no fundo, é isto: procurar mudar o homem. O malandro pode ser transformado em

pecador, e o folião, em penitente. Mas é bom saber em que dará a mudança. E podemos sabe-lo perfeitamente , já que temos exemplos palpáveis. A modificação de malandro em pecador da em superestradas com restaurantes automático, em clubes de “camping”, na semana de trinta horas; e em revistas pornográficas feéricamente ilustradas. E a modificação acaba com o Carnaval, (inclusive, é verdade; com a quarta-feira de cinzas). A escolha de pois esta: quais as cinzas que queremos?

Folha de São Paulo – 16/02/1972

*Textos publicados originalmente no jornal Folha de S.Paulo*